

ENTRELACES ENTRE O PROJETO DE VIDA E O ACESSO UNIVERSITÁRIO DE JOVENS DE PERIFERIAS

■ NATANAEL REIS BOMFIM

<https://orcid.org/0000-0002-5122-9820>

Universidade do Estado da Bahia

■ NAYANA SEPÚLVEDA SUZART

<https://orcid.org/0000-0002-0091-0034>

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

Na contemporaneidade, por um lado, o mundo vive um momento extraordinário provocado pela pandemia do novo coronavírus, o COVID-19. Por outro lado, no Brasil, o acesso à educação superior é complexo, principalmente para jovens oriundos de escolas públicas. Pautado no contexto de pandemia e nos seus possíveis efeitos para o projeto de vida de jovens de periferias, objetiva-se analisar os entrelaces entre a construção dos projetos de vida de jovens de periferias urbanas e a possibilidade de acesso à educação superior. Adotou-se o referencial teórico da Teoria da Modernidade Avançada, de Giddens, e metodológico de abordagem qualitativa. Realizada com dois jovens de periferias vinculados ao Projeto Universidade Para Todos (UPT) e aprovados na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), através de questionário e entrevista semidirigida. Os resultados foram analisados pelo método de Bardin e provocaram reflexões para a elaboração de políticas públicas configuradas em cultura de inclusão social e de orientação de práticas institucionais que possibilitem condições favoráveis à construção de projetos de vida desses jovens. Assim, permitiu pensar sobre a articulação entre a universidade pública, práticas de ensino e órgãos de governo, na formulação e/ou avaliação de políticas culturais para a juventude voltadas à democratização do acesso à educação superior.

Palavras-chave: Projeto de vida. Políticas de acesso universitário. Universidade para Todos. Jovens de periferias urbanas.

ABSTRACT

INTERRELACES BETWEEN THE LIFE PROJECT AND UNIVERSITY ACCESS FOR YOUTH FROM PERIPHERIES

Nowadays, on the one hand, the world is experiencing an extraordinary moment caused by the pandemic of the new coronavirus,

COVID-19. On the other hand, in Brazil, access to higher education is complex, especially for young people from public schools. Based on the pandemic context and its possible effects on the life projects of young people from the periphery, the objective is to analyze the interrelations between the construction of the life projects of young people from urban peripheries and the possibility of access to higher education. The theoretical framework of Giddens' Theory of Advanced Modernity was adopted, and a qualitative approach was used. Conducted with two young people from the periphery linked to the University for All Project and approved at the State University of Feira de Santana, through a questionnaire and semi-directed interview. The results were analyzed using the Bardin method and provoked reflections for the elaboration of public policies configured in a culture of social inclusion and orientation of institutional practices that allow favorable conditions for the construction of life projects for these young people. Thus, it allowed thinking about the articulation between the public university, teaching practices and government agencies, in the formulation and or evaluation of cultural policies for youth aimed at democratizing access to higher education.

Keywords: Life Project. University Access Policies. University for All. Youth from Urban Peripheries.

RESUMEN

ENTRELAZAMIENTOS ENTRE PROYECTO DE VIDA Y ACCESO UNIVERSITARIO PARA JÓVENES DE LA PERIFERIA

En la actualidad, por un lado, el mundo vive un momento extraordinario provocado por la pandemia del nuevo coronavirus, COVID-19. Por otro lado, en Brasil, el acceso a la educación superior es complejo, especialmente para los jóvenes de las escuelas públicas. A partir del contexto de la pandemia y sus posibles efectos sobre los proyectos de vida de los jóvenes de la periferia, el objetivo es analizar las interrelaciones entre la construcción de los proyectos de vida de los jóvenes de las periferias urbanas y la posibilidad de acceso a la educación superior. Se adoptó el marco teórico de la Teoría de la Modernidad Avanzada de Giddens y se utilizó un enfoque cualitativo. Realizado con dos jóvenes de la periferia vinculados al Proyecto Universidad para Todos y aprobado en la Universidad Estadual de Feira de Santana, mediante cuestionario y entrevista semidirigida. Los resultados fueron analizados mediante el método Bardin y provocaron reflexiones para la elaboración de políticas públicas configuradas en una cultura de inclusión social y orientación de prácticas institu-

cionales que permitan condiciones favorables para la construcción de proyectos de vida para estos jóvenes. Así, permitió pensar en la articulación entre la universidad pública, las prácticas docentes y las agencias gubernamentales, en la formulación y / o evaluación de políticas culturales para la juventud orientadas a democratizar el acceso a la educación superior.

Palabras clave: Proyecto de vida. Políticas de acceso a la universidad. Universidad Para Todos. Jóvenes de las periferias urbanas.

Considerações iniciais

Na contemporaneidade, o mundo vive um momento extraordinário provocado pela pandemia do novo coronavírus, classificado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como COVID-19. Nenhum país estava preparado para enfrentá-la, o que impõe impactos significativos na educação, saúde e economia mundial e solicita que a humanidade aprimore capacidades de resiliência, resistência e aprendizado. Segundo Araújo e Machado (2020), a humanidade lida com um vírus que aflora questionamentos sobre a forma como a sociedade está organizada, como as pessoas se relacionam e como trabalham. Baseado nas recomendações da OMS e nas evidências disponíveis sobre intervenções efetivas para o controle da doença, foram estabelecidas medidas de higienização, quarentena, distanciamento e/ou isolamento social como estratégias de prevenção. Tais medidas incluem restrições a todos os serviços que não são considerados essenciais e permitem aglomeração de pessoas.

Esse cenário sem precedentes tem provocado impacto global em todos os setores da sociedade. Particularmente, na educação, exigiu imediata reação de políticos e gestores públicos de todos os países, que, de maneira quase universal, optaram pelo fechamento provisório de escolas e tiraram a maioria dos alunos do mundo de suas salas de aula. A partir de 28 de abril de 2020, cerca de 1,3 bilhão de estudantes em todos os níveis, de 186 países,

foram afetados devido ao surto de COVID-19 (UNESCO, 2020). Experiências prévias de países e regiões que passaram por esse fechamento apontam que o retorno às atividades presenciais não será como a volta de um recesso comum (SCHNEIDER et. al, 2020). Nesse sentido, o autor argumenta que uma consequência provável é uma elevação nas taxas de abandono e evasão escolar dos alunos, especialmente, dos jovens e daqueles em situação de maior vulnerabilidade.

No Brasil, a sociedade experimenta momentos de fragilidade coletiva, potencializados por faturas sociais, econômicas e políticas, acirradas pelo atual contexto (OLIVEIRA et. al., 2020). Segundo Gotti (2019), o nosso país está posicionado entre os dez países mais desiguais do mundo, possui quase 12 milhões de analfabetos e mais da metade dos adultos entre 25 e 64 anos não concluíram o Ensino Médio. São quase 2 milhões de crianças e jovens, entre 4 e 17 anos, fora da escola e 6,8 milhões de crianças de 0 a 3 anos sem vaga em creche. Esses dados apontam que, para além da pandemia, o país enfrenta sérios problemas como: atraso da alfabetização na idade certa¹; as crianças não aprendem conforme o esperado; alunos incapazes de assimilar o conteúdo escolar; evasão escolar e ausência de um projeto es-

1 Criado em 2012, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic) tem como principal desafio garantir que todas as crianças brasileiras até oito anos sejam alfabetizadas plenamente.

truturado para a formação e a carreira docente. Breve, esses problemas estarão associados aos seguintes desafios: falta de investimento generalizado; garantia ao direito à alfabetização plena a todas as crianças até os oito anos de idade; mais participação da família; mais acessibilidade à Educação Básica e Superior; formação docente necessária e adequada para atuar no contexto atual e necessidade de fortalecimento da escola pública.

Em 29 de maio do corrente ano, o Ministério da Educação (MEC) homologou em despacho um conjunto de diretrizes, aprovado pelo Conselho Nacional da Educação (CNE), para orientar as instituições de ensino da Educação Básica e Superior sobre a adoção de práticas e a possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento da carga horária mínima anual. Sem aulas, estabelecimentos de ensino adotaram a mediação tecnológica, com uso de computadores e atividades complementares, para dar continuidade à aprendizagem das crianças, jovens e adultos.

Entretanto, nem todos os estudantes do país têm acesso a computadores e à internet de qualidade. Outro problema é manter a concentração de crianças mais novas, enquanto os pais também trabalham em casa. Para ilustrar, as pesquisas² sobre escolas, alunos, professores, coordenadores pedagógicos e diretores, envolvendo infraestrutura e acesso à tecnologia, apontam que 43% das escolas rurais não têm internet por falta de estrutura na região, 62% não têm computador para uso dos alunos. Já na zona urbana, 98% das escolas têm

ao menos um computador com acesso à internet para uso dos alunos. Nessas escolas, 89% dos alunos do Ensino Médio recorrem a vídeos ou tutoriais na internet como fontes de informação, e os usos são os mais variados: eles podem acessar a internet sozinhos (86%), com alunos ou amigos (81%), com familiares ou outras pessoas (69%) e com professores ou educadores (43%) (CETIC, 2019). Em relação aos domicílios, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI, 2019), 58% dos alunos não têm acesso a computadores e 33% não dispõem de internet. Entre as classes mais baixas, o acesso é ainda mais restrito.

Na Bahia, o Decreto nº 19.586, de 27 de março de 2020, ratificou a declaração de situação de emergência em todo o território baiano e regulamentou as medidas temporárias para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional. Por outro lado, tradicionalmente no Brasil, o processo seletivo para o acesso à educação superior é um importante ritual de passagem que introduz parte da juventude nos espaços privilegiados da universidade. O aumento de vagas dos últimos anos situa-se ainda aquém de atender às reais demandas da maioria da população (D'AVILA, et. al., 2011). No censo de 2017, o total de ingressantes somou 3.226.249, o que representa crescimento de 8,1% em relação a 2016. Segue a tendência de crescimento observada a partir de 2015 e supera o total mais expressivo e alcançado em 2014, igual a 3.110.848. Em relação a 2015, a variação apurada é de 10,5%. Sobre a categoria administrativa, encontram-se as seguintes participações percentuais: 81,7% dos ingressantes de graduação são vinculados a Instituições de Ensino Superior (IES) privadas e 18,3% são ingressantes em IES públicas (INEP, 2019). Observamos um aumento do acesso à Educação Superior, no entanto, quando se compara o ingresso na universidade pública com o ingresso na instituição particular, suge-

2 Realizadas pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC, 2019) com o apoio institucional do MEC, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e de especialistas vinculados a organizações não governamentais e a importantes centros acadêmicos.

re-se que muitos jovens não têm acesso ao ensino público e gratuito, restando-lhe a opção de pagar seus estudos de Nível Superior.

Os estudantes de escola pública, que representam a maioria dos estudantes do Ensino Médio, passam a representar uma minoria no Ensino Superior, tendo em vista a relação candidato/vaga das universidades públicas e a falta de recursos financeiros para arcar com os custos do ensino privado. Por outro lado, entendemos que existe maior preparação por parte dos estudantes advindos da rede privada de ensino, que faz com que consigam ter acesso às universidades públicas com maior facilidade que os demais (ALVARENGA et al., 2012).

Movimentos internos e externos à universidade pública se constituíram em espaços de denúncia e de construção de novas possibilidades de superação desse quadro excludente (PEREIRA; GOMES, 2018). As políticas de educação de caráter universalista, orientadas pela lógica da oferta, não lograram cumprir a promessa de tratar a todos igualmente. Atualmente, se admite que, limitados os riscos e mantidas as responsabilidades públicas com políticas universais, as políticas de acesso têm um potencial não desprezível de ampliar o leque de opções para a construção de uma sociedade justa e democrática, adotando estratégias de intervenção que privilegiam grupos sociais em desvantagem (MITRULIS; PERNIN, 2006).

Nesse cenário de desigualdade social, o governo brasileiro adota programas e projetos de promoção ao acesso à Educação Superior para estudantes de grupos populares. Um exemplo dessa iniciativa é o Projeto Universidade para Todos (UPT), promovido pelo governo do estado da Bahia, em parceria com a Secretaria de Educação e com as universidades baianas estaduais – Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Estadual de

Santa Cruz (UESC) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Nesse sentido, o UPT visa fornecer instrumento de capacitação aos alunos concluintes e egressos da rede pública de ensino do estado da Bahia, para concorrerem a processos seletivos de ingresso universitário (SUZART; OLIVEIRA; ALVES, 2018). Assim, possibilita mudança na hierarquia socioeconômica e contribui com a democratização do acesso à universidade para uma população que historicamente sofre processo de exclusão social (SUZART; OLIVEIRA; SOBRAL, 2017). Vale salientar que em 22 de setembro de 2020, o governo do estado publica o Decreto nº 20.004, que eleva a ação do UPT a um amplo programa de fortalecimento das aprendizagens, do acesso, permanência e inclusão à universidade.

Percebemos, então, que muitos são os obstáculos enfrentados por jovens de periferias para ingressar na Educação Superior. Além disso, o cenário pós-pandemia sugere mudanças importantes de ordem econômica, social e educacional que, possivelmente, intensificarão os desafios para a construção e o alcance dos projetos de vida desse público. Nesse contexto, Segundo Catão (2007), o projeto de vida faz parte de um processo que envolve uma organização psico-sócio-histórica e dimensões articuladas entre si: socioafetiva, socio-cognitiva e espaçotemporal. Tais dimensões se configuram pelo estabelecimento da relação dialógica entre mente e ideias, discurso interior na mediação com o mundo exterior, pela configuração dos afetos, das paixões, da ética, pela potência da ação humana, sendo o agora a dimensão espaçotemporal contemporânea.

Refletir sobre os entrelaces psicossociais, econômicos e políticos que influenciam a vida de jovens estudantes de periferias, sem dúvidas, é um exercício de pensar a educação na contemporaneidade. Nesse sentido, as possi-

bilidades de futuro que acompanham o processo de aceder à universidade, enquanto projeto de vida desses jovens, podem ser reveladas pelos seus discursos da memória.

Dessa forma, considerando-se a importância do sujeito que narra, este artigo busca responder ao seguinte questionamento: qual a relação entre o projeto de vida profissional de jovens de periferias e o acesso à Educação Superior? Para responder a essa questão, toma-se como referência os conceitos ancorados na Teoria da Modernidade Avançada (TMA), de Giddens (2002), que caracteriza a contemporaneidade como um momento de complexidade e dinamismo, variado de possibilidades, de diversidades e de oportunidades de escolhas que se estão disponíveis aos indivíduos todo o tempo.

Face ao exposto, o presente artigo tem como objetivo geral analisar os entrelaces entre a construção dos projetos de vida de jovens de periferias urbanas e as possibilidades de acesso à Educação Superior. Especificamente, buscamos verificar as expectativas de futuro desses jovens em relação à construção de seus projetos de vida profissional e ao acesso à universidade.

Projeto de vida profissional: possibilidades, escolhas e riscos na contemporaneidade

De acordo com Giddens (2002), a evolução da modernidade e suas formas institucionais presentes ressurgem como uma problemática sociológica do século XXI. Embora as conexões entre a Sociologia e o surgimento das instituições modernas sejam reconhecidas há muito tempo, é na contemporaneidade que percebemos a sua complexidade. Ao fazer um novo balanço da modernidade e suas relações com a identidade do “eu”, o autor aponta que a modernidade “alta” ou “tardia” é uma

ordem pós-tradicional, marcada por uma flexibilidade institucional amadurecida. Considerando essas ideias, vivemos diante de uma pandemia em que velhos conceitos, hábitos e costumes foram atualizados e ressignificados. Assim, particularmente na educação, supomos teoricamente que os jovens das periferias urbanas reinventaram novas formas de ensinar e aprender, e passaram a utilizar táticas para tal apropriação. Essa ideia, corroborada com aquelas do autor, se explica pelas transformações profundas que se inserem na modernidade. Nesse sentido, o ritmo e a forma como os hábitos e atitudes estão sendo incorporados nos nossos comportamentos refletem diretamente nas práticas sociais exercidas nos espaços educativos. Viver no universo da alta modernidade é viver num ambiente de oportunidade e risco, concomitantes inevitáveis de um sistema orientado para a dominação da natureza e para a feita reflexiva da história.

O que fazer? Como agir? Quem ser? Segundo Giddens (2002), são perguntas centrais para quem vive nas circunstâncias da modernidade tardia. Perguntas que todos nós respondemos, seja discursivamente, seja no comportamento no dia a dia. Vivemos dilemas existenciais humanos que nos levam a refletir sobre o risco, a confiança e o destino. Essa reflexão influencia na construção de um projeto de vida e na decisão por um estilo de vida. Nesse sentido, observamos que a elaboração do projeto de vida pode envolver a análise dos riscos, a busca pela confiança, a percepção sobre o destino e a reflexividade da autoidentidade como um projeto de si. Logo, os eventos futuros estão abertos para a intervenção do homem, limitados tanto quanto possível, regulados pela aferição do risco e busca pela segurança. Notamos, portanto, que o destino não tem papel formal a desempenhar no sistema da alta modernidade, que opera através do controle humano aberto dos mundos natural e social.

A relação dicotômica em que vivemos, entre confiança e risco, é apontada por Giddens (2002) como inerente à modernidade. No pensamento do autor, cabe às instituições sociais modernas criarem oportunidades para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante, não vista em qualquer outro tipo de sistema pré-moderno. Isso porque, “[...] dada à extrema reflexividade da modernidade tardia, o futuro não consiste exatamente na expectativa de eventos ainda por vir” (GIDDENS, 2002, p. 118).

Esse pensamento teórico pode nos permitir compreender como o projeto de vida de jovens de periferias urbanas se articula com a acessibilidade à Educação Superior. Assim, por meio dessa proposição, é possível revelar de onde se origina esses jovens, suas táticas socioculturais construídas cotidianamente e a forma como influenciam na elaboração dos seus projetos de vida profissionais.

Bases epistemológicas do estudo e caminhos da investigação

O estudo se insere no campo da Educação em periferias urbanas, na linha de pesquisa em formação e sustentabilidade dos sujeitos e se justifica pela fundamental importância de discutir questões vinculadas à construção identitária de jovens em processo de formação inicial. Nesse sentido, se faz mister utilizar de suas narrativas como instrumento de (auto) formação, de pesquisa e de intervenção, no contexto da Educação Básica e Superior (SOUZA, 2008).

Ao longo de 15 anos, no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade (Gipres), da UNEB, objetos de estudos vêm sendo reificados cientificamente e abordados em torno da teoria e método das representações sociais. Assim, no campo da Educação, entendemos que os caminhos

da participação à construção desses objetos se costumam pelos sentimentos, pensamentos e ações dos sujeitos participantes. Ou seja, a colaboração ativa do sujeito na sua constituição social, histórica, educativa, psicológica, enfim, humana (BOMFIM E GARRIDO, 2019).

Face ao exposto, a pertinência epistemológica da pesquisa (auto)biográfica pode nos possibilitar, segundo Delory-Momberger (2001), apreender por meio da biografização, características e bases teórico-científicas, modelos de trabalho e espaço biográficos como marcas identitárias e subjetivas dos sujeitos em processo formativo no seu cotidiano. Para tal, Souza (2008, p. 41) enfatiza que essas ideias “[...] emergem e enraízam-se no curso da vida, como uma maneira em que representamos a nossa existência e como contamos para nós mesmos e para os outros, em estreita relação com a história e a cultura”. Assim, as histórias de vida, bem como os projetos de vida profissional de jovens estudantes de periferias, teoricamente, se revelam como modos discursivos que eles constroem e fazem parte da memória de si e se evidenciam como modelos biográficos importantes nessa abordagem de pesquisa.

De acordo com Souza (2016), na área educacional, os estudos com histórias de vida, pesquisa narrativa e biográfico-narrativa têm empregado diferentes formas e implicado em processo de pesquisa-ação-formação, por entender que as narrativas biográficas permitem adentrar em dimensões subjetivas e objetivas dos sujeitos quando narram sobre suas experiências de vida-formação, bem como apreender singularidades da existência humana, numa interface entre experiências, narrativas e aprendizagens biográficas, como forma de resistência e empoderamento dos sujeitos quando narram sobre suas trajetórias e percursos de vida. Nesse sentido, os modelos biográficos nos permitiram verificar as expectativas de futuro desses jovens em relação à construção de

seus projetos de vida profissional e as possibilidades de acesso à universidade.

Portanto, este estudo empírico é de natureza qualitativa, de caráter interpretativo/descritivo, pois, sob a égide do objetivo geral, busca-se analisar os entrelaces entre a construção dos projetos de vida de jovens de periferias urbanas e a possibilidade de acesso à Educação Superior.

Quanto ao dispositivo de colheita de informações, utilizamos um questionário sociodemográfico, buscando a idade, gênero, grau de escolaridade, renda e concentração por região do país. Ele foi aplicado, no ano de 2019, para todos os cursistas matriculados no Projeto UPT vinculados à (UEFS). Os dados apresentados foram analisados pelo percentual de resposta, com a finalidade de traçar o perfil dos participantes do UPT da UEFS. Em 2020, aplicamos o roteiro de entrevista semidirigida, para dois cursistas do UPT da UEFS 2019, que ingressaram na UEFS em 2020, por meio do Sistema de Seleção Unificada (SISU). Nesse instrumento, a primeira parte abordou questões de identificação pessoal, e a segunda parte, questões que buscaram operacionalizar o objetivo específico: (1) Narre sua história de vida e as implicações para suas escolhas profissionais, destacando a influência do UPT da UEFS; e (2) Durante o contexto de pandemia, narre suas vivências, experiências e expectativas no/para o curso de graduação que você ingressou. O contato com os sujeitos da pesquisa foi realizado através de WhatsApp. Os participantes, após concordarem que eram maiores de 18 anos, brasileiros e que se apresentavam disponíveis para participar da pesquisa voluntariamente, responderam e enviaram para os pesquisadores, via *e-mail*, ao roteiro de entrevista respondido. As narrativas foram interpretadas à luz da análise de conteúdo de Bardin (2009).

No ano de 2019, a oferta do UPT da UEFS foi de 1 mil vagas, distribuídas nos municípios de

Feira de Santana, Antônio Cardoso, Santo Estevão, Conceição da Feira, Tanquinho e Santa Bárbara. Nesse ano, a faixa etária dos cursistas foi de 17 a 25 anos de idade, majoritariamente sexo feminino (74%), etnia negra (50%), parda (42%) e índios (0,4%), residiam principalmente na zona urbana (63%), sendo 18% em periferias urbanas, com renda familiar de até um salário-mínimo (80%), não apresentavam atividade profissional remunerada (76%) e não tinham nenhum membro da família que concluiu o Ensino Superior (45%).

Esses participantes, respeitando o anonimato, segundo o Conselho de Ética e Pesquisa (CEP), foram denominados João, gênero *cishomem*, 17 anos, aprovado na UEFS em licenciatura em Música, e Maria, gênero *cismulher*, 19 anos, aprovada na UEFS em licenciatura em Pedagogia. Assim, apreendemos, essencialmente, a produção de sentidos desses sujeitos/participantes, a partir de suas experiências vividas e partilhadas na sua realidade social. Entendemos a dificuldade em estabelecer critérios de homogeneidade para a seleção dos mesmos. Assim, a amostragem foi teórica, de abordagem não probabilística, formada por aqueles informantes em potencial, que aceitaram participar espontaneamente do estudo (GLASER E STRAUSS, 1967; PIRES, 2008).

Entrelaces entre o projeto de vida o acesso universitário de jovens de periferias

Após a sistematização dos dados recolhidos, iniciamos a discussão dos resultados trazendo o recorte das categorias de análise: (1) “Projeto de si”; (2) “Táticas socioculturais construídas cotidianamente e que influenciaram na elaboração de seus projetos de vida profissional”; e (3) “Expectativas reveladas nas narrativas sobre suas escolhas profissionais”. É importante salientar que as narrativas foram dialogadas

com as bases teórico-conceituais apresentadas anteriormente nesse estudo.

Na primeira categoria “Projeto de si”, percebemos que os sujeitos da pesquisa apoiam a elaboração de seus projetos de vida profissional na percepção da autoidentidade, como uma construção coletiva compartilhada socialmente. Ambos iniciam suas narrativas apresentando sua origem familiar e como sua história de vida entrelaça-se com a trajetória de vida de seus pais.

Nascido e criado em Feira de Santana, cidade que me orgulho e que me proporcionou grandes experiências e amizades incríveis. Antes de falar mais sobre mim, gostaria de falar um pouco sobre minha mãe que foi minha grande apoiadora nessa trajetória. Desde novo, tive grande apoio de minha mãe nas trajetórias que eu escolhia percorrer, claro que ela nem sempre estava de acordo com tudo, mas sempre ao meu lado [...] (JOÃO, 2020)

[...] tenho 19 anos, nasci em Feira de Santana e moro com meus pais. Tenho um sobrinho de 3 anos e acredito que tenha sido ele um dos meus motivos para escolher pedagogia. Um dos meus sonhos sempre foi fazer faculdade [...]. Meus pais infelizmente não tiveram a oportunidade de concluir nem sequer o ensino médio, mas eles, principalmente a minha mãe, sempre me incentivaram a ir mais longe, e eu queria devolver tudo que fizeram por mim dando orgulho para eles e entrando numa universidade pública prestigiada como a UEFS [...] (MARIA, 2020)

As narrativas revelam as trajetórias de vida dos estudantes antes de ingressar no UPT da UEFS, suas principais motivações, o desejo de acessar a Educação Superior como projeto de vida profissional e como essas possibilidades de escolha se entrelaçam com a construção de um projeto de si mesmo. Na ordem pós-tradicional da modernidade, a autoidentidade se torna um empreendimento reflexivamente organizado. O projeto reflexivo do eu consiste em manter narrativas biográficas coerentes, tendo lugar no contexto de múltipla escolha,

filtrada por sistemas abstratos, em que na vida social moderna, a noção de estilo de vida social apresenta o especial significado. Giddens (2002, p. 13) corrobora com essa ideia quando afirma que: “[...] quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções”

Minha família materna veio de Amargosa [...]. Meus avós decidiram tentar uma vida melhor em Feira de Santana, enfrentando muita dificuldade no início, mas todos conseguiram se virar. Minha mãe estudava no colégio Gastão Guimarães, durante seu tempo de estudo participou de um concurso de redação dentro do projeto ‘Um salto para o futuro’, o qual ganhou, além de se formar em magistério, exercendo a profissão em Tiquarucu. Teve quatro filhos, contando comigo, e devido ao tempo que isso tomava em sua vida decidiu se dedicar somente a isso. Já meu pai nasceu em Salvador, mas sempre morou em Feira, tem o Ensino Médio e desde novo trabalha como caminhoneiro (JOÃO, 2020).

Giddens (2002) afirma que devido à abertura da vida social de hoje e com a pluralização dos contextos de ação e a diversidade de auto-ridades, a escolha do estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da autoidentidade. Assim, o planejamento de vida reflexivamente organizado normalmente pressupõe a consideração de riscos filtrados pelo contato com o conhecimento especializado, tornando-se uma característica central da estruturação da autoidentidade. É interessante observar que os participantes enfrentam o dilema confiança *versus* riscos para organizar os seus projetos de vida de forma reflexiva ao analisarem a tradição familiar e suas possibilidades de escolha de futuro. Em ambas as narrativas, sugere-se o desejo de ingressar na universidade como um projeto de vida profissional compartilhado com a família, como se não fosse apenas um projeto individual, mas coletivo.

No mundo contemporâneo, em que o mercado de trabalho e os vínculos laborais apresentam-se tão fluidos, a formação acadêmica superior aparece como uma possibilidade de transformação e ascensão social. Os trechos destacados abaixo das narrativas de João e Maria revelam a segunda categoria de análise “Táticas socioculturais construídas cotidianamente e que influenciaram na elaboração de seus Projetos de vida profissional”. É notório que as táticas construídas ao longo da sua história de vida sugerem que a elaboração de seus projetos de vida profissional está entrelaçada a um conjunto de vivências, interações e experiências socioculturais. Ressaltam também a importância do UPT como incentivador e promotor da oportunidade de realização do sonho de adentrar a universidade pública.

Eu sempre gostei muito de música e queria aprender a tocar algum instrumento. Bem novo, pedi a minha avó um violão de presente e no meu aniversário ganhei [...] No final da 8ª série, conhecemos a orquestra Neojiba e ingressamos para tocar música orquestral, onde as pessoas que não têm condições de ter um instrumento e estudar música pudessem se educar artisticamente e ter a oportunidade até de fazer turnês internacionais. Sigo até hoje, agora, tocando trompete que é meu principal instrumento. Os anos foram passando e cheguei ao 3º ano do Ensino Médio, estava bem perdido com relação a milhares de assuntos que devem ser estudados para fazer o ENEM, no meio do ano, conheci esse maravilhoso UPT. Intercalando o estudo na escola com o UPT, tive o direcionamento de como estudar para ser aprovado na universidade e todo o material de estudo necessário para que isso se tornasse possível (JOÃO, 2020).

Minha história no UPT começou despretensiosamente. Eu tinha acabado de concluir o Ensino Médio e estava frustrada com a nota que obtive no ENEM. Por conta disso, vários pensamentos vieram à minha mente e me preocupei com o futuro. Sempre tive vontade de fazer faculdade, mas depois desse episódio, ela parecia cada vez mais distante. Encontrei por lá pessoas muito

diferentes de mim no quesito idade, personalidade e vivência, mas que ao mesmo tempo tinham as mesmas frustrações e desejos que eu: melhorar de vida e realizar sonhos. Isso era um conforto, saber que eu não estava sozinha. No projeto, recebíamos aulas, orientações sobre como é a vivência na universidade, pois nossos monitores sempre fizeram questão de conversar abertamente, tirar nossas dúvidas. Tudo lá era diferente da minha experiência escolar, a começar pela liberdade que tínhamos para falar o que pensávamos, sem julgamentos. Não haviam cobranças por lá. Pelo contrário, elas foram substituídas por muito incentivo, que nos impulsionava para a conquista dos nossos objetivos. Fiz amigos e fico muito feliz por saber que alguns deles conseguiram ingressar no Ensino Superior com a ajuda do UPT (MARIA, 2020).

De acordo com Giddens (2002), as possibilidades de escolha estão diretamente relacionadas ao contexto contemporâneo, isso requisita ao sujeito a elaboração de um projeto de vida reflexivo. Almeida e Magalhães (2011) defendem que a construção de projetos é constantemente repensada de acordo com as transformações e necessidades que possam surgir. Ou seja, mesmo que o indivíduo e os que estão à sua volta possuam e concebam o projeto como individual, o sujeito do projeto está inserido em um contexto amplo propício à influência das diversas esferas. Dessa forma, o meio social, a família e fatores como classe, geração, gênero, dentre outros, possuem papel fundamental nesse processo.

Em ambas as narrativas, é notória a influência dos contextos familiar, escolar e do UPT como incentivadores na busca pela educação superior. É interessante observar que apesar do desejo de ingressar na universidade como projeto de vida profissional durante o período escolar, os estudantes consideravam-se inseguros em relação à sua concretização. Todavia, a participação no UPT oportunizou diferentes experiências socioculturais que fortaleceram a elaboração e a busca pela Educação Super-

rior. Também foi notório em ambas as narrativas que a escolha por projetos relacionados à continuidade de estudar, acessando o Ensino Superior, estava acompanhado da percepção de melhora da qualidade de vida e transformação social.

Além das aulas, as atividades, apostilas e apoio, nós também tínhamos atividades na UEFS, palestras e vários aulões. Tudo isso fez com que eu me encantasse pelo ambiente e tivesse a certeza de que era isso que eu queria, também fiz parte de testes vocacionais para ter certeza da escolha na carreira. Assim que saiu o SISU, me inscrevi e fui aprovado na primeira chamada para fazer licenciatura em música na UEFS. Sou grato por todas as experiências que esse projeto me proporcionou, fiz amizades que duram até hoje, além da consideração enorme que tenho pelos professores e apoiadores do projeto, que garantem que o sonho acadêmico de vários jovens, adultos e até idosos se tornem realidade (JOÃO, 2020).

Eu lembro das aulas lúdicas, dos simulados Enem, dos bate-papos, dos professores, que além de professores eram como amigos, da empatia da coordenação, dos aulões na UEFS [...] Através dos monitores, passei a conhecer sobre alguns cursos e acabei me descobrindo na pedagogia. Eu via neles a inspiração para ser professora no futuro. Antes do projeto, essa profissão nunca tinha sido uma das minhas opções, mas agora me sinto muito entusiasmada em imaginar tudo que vou vivenciar nessa carreira. Eu sempre acreditei que a educação é o único caminho, e saber que farei parte do ensino de base me faz ter uma responsabilidade muito bonita. Ter feito parte do UPT em 2019 me fez visualizar novos horizontes e tirou de mim alguns pensamentos que me limitavam. Passei a acreditar mais em mim. Todo o contato que tive com as pessoas que convivi por lá me deu ensinamentos que levarei para vida toda, e apesar de algumas dificuldades, foi uma experiência muito feliz. Sou muito grata ao projeto (MARIA, 2020).

Percebemos que ambos os participantes definem a trajetória no UPT como significativa

e que contribuiu de diferentes formas para o alcance de seus projetos de vida. Através do acesso ao projeto, foi possível se capacitar com os conteúdos curriculares para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), participar de atividades de orientação profissional e desenvolver vínculos interpessoais que contribuíram para aumento da autoestima, sentimento de pertença e autoeficácia. Assim, sugere-se que o UPT se tornou uma fonte de apoio relacional a esses jovens, possibilitou a noção de confiança em si mesmo e na concretização de seus projetos de vida. Segundo Giddens (2002), em circunstâncias de incerteza e múltipla escolha, as noções de confiança e risco têm aplicação particular. A confiança, nesse sentido, torna-se um casulo protetor que monta guarda em torno do eu em suas relações com a realidade cotidiana. Em sua forma mais específica, a confiança é um meio de interação com os sistemas abstratos que esvaziam a vida cotidiana de seu conteúdo tradicional ao mesmo tempo em que constroem influências globalizantes. Portanto, a confiança gera o salto de fé que o envolvimento prático demanda.

Observamos também que os sujeitos da pesquisa utilizaram a participação no UPT como tática sociocultural para enfrentar os desafios impostos a jovens de periferias ao acesso universitário. Por meio da participação no projeto, romperam com a crença de predestinação, em continuar as trajetórias profissionais de seus pais, ascendendo a hierarquia social por ingressarem na universidade e optarem por um estilo de vida diferente. Giddens (2002) afirma que momentos decisivos são fases em que as pessoas podem resolver recorrer a autoridades mais tradicionais, assim, podem procurar refúgio em crenças preestabelecidas e em modelos familiares de atividade. Por outro lado, momentos decisivos também marcam períodos de requalificação e empoderamento. São pontos em que, independente de

quão reflexivo o indivíduo possa ser na formação de sua autoidentidade, ele deve parar para perceber as novas demandas e também as novas possibilidades. Entendemos que o UPT desencadeou a percepção de novas alternativas para a elaboração de projetos de vida profissional, realização de sonhos e emancipação social através do ingresso no Ensino Superior.

Por outro lado, podemos imaginar que estilo de vida se refere apenas aos projetos de classes mais prósperas. Os pobres, portanto, seriam quase completamente excluídos da possibilidade de escolher estilos de vida. De fato, em parte, divisões de classe e outras linhas fundamentais de desigualdade podem ser definidas em termos do acesso diferencial a formas de autorrealização e de acesso ao poder. Sabemos que a modernidade produz diferença, exclusão e marginalização. Afastando a possibilidade da emancipação, as instituições modernas, ao mesmo tempo, criam mecanismos de supressão, e não de realização do eu. Todavia, estilo de vida também se refere a decisões tomadas e cursos de ação seguidos em condições de severa limitação material, tais padrões de estilo de vida também podem envolver a rejeição de formas mais amplamente difundidas de comportamento e consumo (GIDDENS, 2002)

Por fim, sobre a terceira categoria de análise “Expectativas reveladas nas narrativas sobre suas escolhas profissionais”, os trechos destacados revelam as expectativas de João e Maria sobre a vida universitária e destacam como o contexto de pandemia afetou seus projetos de vida profissional.

Com a quarentena, as atividades de estudo passaram para o formato virtual, isso mudou bastante a forma de estudar e todos tiveram que se adaptar à nova realidade. Resolvi aproveitar esse período para tirar um tempo para mim, parar para pensar, já que é bastante desanimador esse período de isolamento. Decidi não participar do semestre extraordinário da UEFS e ape-

nas voltar às aulas quando passar esse tempo difícil. Espero poder voltar logo às atividades presenciais e as apresentações com a orquestra e banda (JOÃO, 2020).

Quando descobri que passei no SISU para Pedagogia, realmente fiquei muito feliz. Comecei a imaginar como seria minha vida na universidade. Naquela época nem sonhava com pandemia. [...] A sensação de entrar na UEFS sozinha para fazer a minha matrícula parecia um sonho para mim [...] A pandemia bagunçou a minha vida acadêmica [...] A UEFS divulgou o adiamento do início das aulas por tempo indeterminado. Lógico que eu entendi a necessidade dessas ações, já que a saúde das pessoas estava em risco. Mas, em alguns momentos, era impossível evitar a sensação de que tudo que eu havia feito e estudado no cursinho havia ido por água abaixo. Eu havia me tornado uma caloura por tempo indeterminado (MARIA, 2020).

O atual contexto de pandemia nos faz refletir sobre os riscos presentes na modernidade. Giddens (2002) afirma que a modernidade é uma cultura do risco, pois reduz o risco geral de certas áreas e modos de vida, ao mesmo tempo que introduz novos parâmetros de riscos, inteiramente desconhecidos em épocas anteriores. Nas condições da modernidade, o futuro é continuamente trazido para o presente por meio da organização reflexiva dos ambientes de conhecimento. Pensar em termos de risco é vital para aferir até que ponto os resultados reais poderão vir a divergir das previsões do projeto. O contexto de pandemia provocou mudanças inesperadas nos projetos de vida profissional de João e Maria, os resultados de seus projetos de vida profissional ainda não foram vivenciados de forma concreta. A conquista do acesso à universidade foi realizada, após conseguirem ultrapassar muitas barreiras sociais, econômicas e culturais. No entanto, João e Maria aguardam o momento seguro para iniciar as atividades universitárias e, enfim, vivenciar o tão sonhado projeto de vida profissional.

Observamos, nos trechos destacados, que João e Maria continuam otimistas na concretização de seus projetos de vida profissional e demonstram a confiança que em breve estarão vivenciando o contexto universitário em sua plenitude.

Espero conseguir completar o ciclo na UEFS e que no futuro sirva de exemplo para outras pessoas que querem crescer e entrar na universidade, que elas possam, assim como eu, encontrar esse Projeto maravilhoso que é o UPT (JOÃO, 2020).

Imaginar que uma pandemia pode bagunçar os meus planos me angustiou. Mas, eu mantive a esperança. Aprendi a ter paciência e entendi que o melhor a fazer é esperar até que esteja seguro iniciar as aulas. As minhas expectativas continuam altas e eu continuo imaginando como será minha vida na universidade, mas não tenho pressa. Tenho muitas expectativas em relação ao futuro, mas tenho consciência de que as conquistas na vida são como degraus, a gente tem que subir aos poucos. Espero ver cada vez mais professores se orgulhando de sua profissão, assim como ver mais alunos respeitando quem dá um pedaço de si em forma de conhecimento e experiência para formar cidadãos. Espero fazer jus a essa profissão linda que escolhi [...]. De fato, a docência ainda não tem o reconhecimento que merece no nosso país, mas mesmo assim resolvi encarar esse desafio e não tenho dúvidas que valerá muito a pena (MARIA, 2020).

Os dados dessa investigação demonstram que os projetos de João e Maria transcendem a própria individualidade, pois visam contribuir com aspectos do mundo externo, além de reconhecerem que a elaboração do projeto de vida profissional e a escolha do estilo de vida perpassam o trilhar por um caminho amparado na convivência com outras pessoas – família, professores e colegas – e em meio à participação em instituições, como por exemplo, o Projeto UPT.

Considerações finais

Sabemos que as transformações na sociedade contemporânea afetam particularmente os jovens das camadas populares. Esses jovens são mais facilmente afetados com as questões políticas, sociais e econômicas, bem como pelas mudanças nas relações de trabalho e possibilidades de apoio relacional. Somando isso ao contexto atual de pandemia, observamos inúmeras dificuldades e barreiras enfrentadas por estudantes de periferias urbanas no contexto educacional, especialmente para o acesso e permanência universitária. Parece não existir o reconhecimento desses jovens como sujeitos de direito, de modo que são diversas as formas de impedimentos para sua participação como sujeitos de transformação social e autônomos na construção de seus projetos de vida.

A análise das narrativas de João e Maria possibilitou compreender os entrelaces entre os projetos de vida profissional e o acesso universitário de jovens de periferias. Compreendemos que a construção do projeto de vida para os participantes da pesquisa é algo complexo e multifacetado, que desencadeia na própria construção de si. É como se configurasse um processo da inclusão social, uma oportunidade de ser visível na sociedade. Pois, em um contexto de exclusão, caracterizado pela desigualdade social e desrespeito à diversidade, ser incluído socialmente significa novas e melhores condições de vida, tanto para si mesmo, quanto para o outro. Pudemos verificar, através da fundamentação teórica explanada, que esses jovens romperam com os paradigmas colonizadores tradicionais e acessaram a universidade pública, algo pouco realizado no seu ambiente familiar. Dessa forma, ultrapassaram o estigma de destino social e puderam optar por um diferente projeto de vida profissional, com expectativas de esten-

der essa experiência a outras pessoas do seu meio social.

A participação no UPT da UEFS foi destacada como uma tática sociocultural desenvolvida pelos participantes para o alcance de seus projetos de vida. O UPT surgiu como uma forma de rede relacional e de apoio, que permitiu o fortalecimento da noção de confiança em si mesmo e na possibilidade de realização de suas escolhas profissionais. Além disso, implicou na ampliação da percepção sobre as múltiplas possibilidades de escolhas de vida e reforçou a crença sobre ser possível pertencer ao universo acadêmico superior. Os participantes analisaram os riscos eminentes da sociedade contemporânea e, por meio da noção de confiança, estabeleceram seus projetos de vida profissional, ou seja, conquistaram o seu lugar na universidade. Tendo em vista que o acesso à universidade representa a chance de continuidade da construção do projeto de vida, agora, a expectativa de João e Maria, após ingressarem no Ensino Superior, é que possam desenvolver novos projetos profissionais, demonstrando o caráter dinâmico da construção do projeto de vida.

Entendemos, assim, que o referencial teórico construído nesta pesquisa poderá propiciar um conhecimento sobre o que os jovens de periferias urbanas pensam em relação às suas escolhas e história de vida, suas crenças, seus comportamentos e sua relação com as próprias instituições na sociedade contemporânea. Não esperamos que este estudo esgote a possibilidade de futuros aprofundamentos dessa temática. Todavia, acreditamos que ele possa contribuir para a formulação de novos questionamentos acerca da construção do projeto de vida e o acesso à universidade.

Pensamos, também, que os resultados desta pesquisa podem provocar reflexões e alertas para a elaboração de políticas públicas configuradas em uma cultura da inclusão

social e cidadania, como também de orientação de práticas institucionais que possibilitem condições favoráveis à construção de projetos de vida de jovens pertencentes às camadas populares, pois entendemos que tal análise ofereceu indicativos para refletir sobre a articulação entre a universidade pública, práticas de ensino e órgãos de governo, na formulação e/ou avaliação de políticas culturais para a juventude com potencial à democratização do acesso ao Ensino Superior.

Referências

- ALMEIDA, Maria. E. G. G.; MAGALHAES, Andreia S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Brasileira orientação Profissional**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- ALVARENGA, Maria. F *et alli*. Desafios do ensino superior para estudantes de escola pública: um estudo na UFLA. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 6, n. 1, p. 55-71, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/11407>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.
- BOMFIM, Natanael. R. E GARRIDO, Walter., V. Pesquisa solidária e colaborativa em educação. **Educação em Debate**, Fortaleza, ano 41, nº 78 - jan./abr. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24882/eemd.v41i78.834>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- CASTRO-DE-ARAUJO, Luiz. F. S.; MACHADO, Daiane. B. Impact of COVID-19 on mental health in a Low and Middle-Income Country. **Ciências Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, supl. 1, p. 2457-2460, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10932020>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- CATÃO, Maria F. O que as pessoas pensam da vida e o que desejam nela realizar? *In*: KRUTTZEN, S; VIEI-

RA (Orgs.). **Psicologia social, clínica e saúde mental**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2007. p. 75-94.

CETIC. **Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação** (Cetic.br), 2019.

D'AVILA, Geruza. T.; VERIGUINE, Nadia. R., Basso, C.; SOARES, Dulce. H. P. Acesso ao ensino superior e o projeto de "ser alguém" para vestibulandos de um cursinho popular. **Revista Psicologia e Sociedade**, v.23, n.2, p. 350-358, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200016>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GOTTI, Alessandra. Os desafios da Educação brasileira em 2019: linhas e cores. **Revista Nova Escola**. 2019, p. 1-3. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/15432/os-desafios-da-educacao-brasileira-em-2019-linhas-e-cores>. Acesso em: 23 jul. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biographie et Éducation: figures de l'individuprojet**. Paris: Anthropos, 2001.

GLASER, B.; STRAUSS. A. L. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. Chicago: Aldine. 1967.

GIDDENS, Antonio. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

(INEP) Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2017 [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.

MITRULIS, Eleny.; PENIN, Sônia. Pré-vestibulares alternativos: da igualdade à equidade. **Revista Caderno de Pesquisa**. v. 36, n. 128, p. 269-298, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742006000200002>. Acesso em: 27 ago. 2021.

OLIVEIRA, Wanderson Kleber de; DUARTE, Elisete; FRANCA, Giovanni Vinícius Araújo de; GARCIA, Leila Posenato. Como o Brasil pode deter o COVID 19. **Revista Epidemiológica Serviço em Saúde**, v. 29, n.2, e2020044, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000200023>. Acesso em: 27 ago. 2021.

PEREIRA, Thiago., GOMES, Tatiane. A extensão universitária em debate: o curso pré-universitário como espaço de educação popular. **Revista Espaço Pedagógico**. V. 25, N. 3, p. 665-684, 2018. Disponível em: www.upf.br/seer/index.php/rep. Acesso em: 10 set. 2020.

SCHNEIDER, Alexandre; SANTOS, Alexsandro; COSTIN, Cláudia; TEIXEIRA, Raquel; BONFIM, Washington. Todos Pela Educação: O retorno das aulas presenciais no contexto de pandemia da Covid-19. **Nota Técnica** – maio 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino de & ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.) **Tempos, Narrativas e Ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)Biografia, identidades e alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação Na Pós-Graduação. **Revista Fórum e identidades**. Ano 2, Volume 4 – p. 37-50 – jul-dez de 2008. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/issue/view/178>. Acesso em: 10 set. 2020.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: Reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**. Natal, RN: EDUFRRN, vol. 25, n. 11, p. 22-39. jan/abr. 2006a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285>. Acesso em: 10 set. 2020.

SUZART, Nayana, S.; OLIVEIRA, Aretusa, L. E.; ALVES, Clayton, Q. A monitoria no projeto universidade para todos - UEFS: aspectos motivacionais. In: XII Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, V. 12, N. 01. **Anais eletrônico**. São Cristóvão: UFS, 2018, P1-12.

SUZART, S., Nayana.; OLIVEIRA, L., E., Aretusa.; SOBRAL, C., Louise. Avaliação de desempenho dos cursistas integrantes do Projeto Universidade Para Todos – UEFS. In: XI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade. v.11, n.1. São Cristóvão. **Anais**

eletrônico. São Cristóvão: UFS, 2017, p.1-8.

unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000367812.

Acesso em: 12 jul. 2020.

UNESCO. **Policy Paper 38:** Education as healing: Addressing the trauma of displacement through social and emotional learning. Disponível em: <https://>

Recebido em: 30/10/2020

Revisado em: 25/06/2021

Aprovado em: 26/08/2021

Natanael Reis Bomfim é doutor em Educação pela Universidade do Quebec em Montreal. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade (Gipres). *E-mail:* nabom_reis@hotmail.com

Nayana Sepúlveda Suzart é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Representações, Educação e Sustentabilidade (Gipres). *E-mail:* naysuzart@hotmail.com